

# Educação Médica, qual o melhor método de ensino? Papel do preceptor?

Marcello Martins de Souza<sup>1</sup>

Qual seria a melhor maneira de ensinar jovens médicos a se tornarem bons profissionais? Livros, aulas, seminários, discussões de casos, videocirurgias, artigos científicos ou tudo isso junto? Falar, ouvir, ensinar, escrever, fazer. Todos os sentidos precisam estar aguçados e o interessado atento a qualquer metodologia que o transformará num médico melhor, mais bem formado e preparado, na verdade, a sensação de não estar pronto sempre nos acompanha (ou deveria) nesta jornada chamada Medicina.

Vários estudos apontam que você apresentar uma aula é melhor do que simplesmente ouvi-la. O esforço do preparo, escrita, fala e pesquisa fixam melhor todo o conteúdo se comparado com a leitura ou ouvir o assunto.

O método PBL (*Problem Based Learning*) é um excelente meio de fixação de um determinado assunto, pois esgotamos todo nosso conhecimento discutindo a melhor solução para aquela patologia. Obrigatoriamente, devemos ter uma base teórica do assunto, até para enriquecer a discussão com novas ideias e meios de resolver a questão. A formação médica está sendo negligenciada, queremos criar atalhos que infelizmente acabam comprometendo a formação de nossos futuros profissionais.

“A medicina está mudando, há muita tecnologia que não existia, os tempos são outros”. Sim, podemos fazer mil horas de simulador de voo de um *Airbus* que ainda não estaremos aptos a pilotar um. A teoria está nos livros, videoaulas e outras fontes nesta vasta *web*, mas o copiloto que realmente vai por em prática toda a sua teoria é o preceptor, que também sofreu com as mesmas dúvidas e sempre está pensando na melhor maneira de tirar o melhor daquele seu residente. Creio que isso fica maximizado em especialidades cirúrgicas, como a nossa, pois só conseguimos realizar uma sutura praticando-a, assim como ocorre em uma artroplastia de joelho.

Não estou querendo criticar o método ou achar uma fórmula mágica para a melhor formação técnica de nossos residentes. Insistirei em debater as “imobilizações” que usamos. Assim como um gesso que atrofia a musculatura, a falta de estresse de um plantão, não passar visita no leito, não fazer curativo, não entrar em cirurgia, não estudar o assunto, não preparar uma aula também atrofiam o profissional. Pular etapas nesta fase de formação seria como carregar nossos filhos no colo até os 18 anos com medo que eles se machuquem.

---

1. Médico Assistente do Grupo de Oncologia Ortopédica do Serviço de Ortopedia e Traumatologia do HSPE, São Paulo, SP, Brasil

A culpa também é nossa, dos preceptores, das escolas de medicina, do medo de falar não, de reprovar, exigirmos um mínimo de excelência. Na verdade, é a pior atitude que podemos ter, sermos coniventes, omissos e despreparar as futuras gerações, julgando que não são fortes o suficiente e por isso relaxamos na sua formação.

Quem acha que não está acontecendo isso, observe os cursinhos preparatórios de provas de todas as especialidades, mastigamos e entregamos uma cartilha. Cadê o esforço? Não quero polemizar se é um caminho bom ou não, mas se desmerecermos o suor da escalada científica e técnica do nosso jovem médico, sou crítico de carteirinha!

As melhores cachoeiras ficam no final das piores trilhas, fica a dica!